

Perspectivas para uma guerra popular em Mianmar

Via [Asia Times](#)

BANGKOK – Foram necessários protestos pacíficos, massacres sangrentos, colapso econômico e uma pandemia letal, mas seis meses depois que os militares de Myanmar tomaram o poder de um governo eleito, uma realidade se tornou inteiramente clara: por toda a angústia e a diplomacia, a “comunidade internacional” não está vindo em socorro.

O povo de Mianmar está sozinho com seus carcereiros militares e enfrenta uma escolha simples: recuar ou ripostar. Como indica uma campanha nacional de bombardeios, assassinatos direcionados e confrontos armados lançados pelas “Forças de Defesa Popular” ou PDFs locais, muitos dos jovens do país fizeram essa escolha há algum tempo.

Mais difícil de avaliar é para onde esta campanha de resistência popular se dirige, o que ela pode realisticamente alcançar e como. Mianmar ainda não está no ponto da guerra civil.

No entanto, ela desceu a um estado de anarquia violenta, marcado por um colapso da administração civil e um vácuo de governança que se amplia a cada dia. Em grande parte da região central do país, a repressão militar tem se desviado para incursões, bandos saqueadores de soldados matando, pilhando e ocasionalmente queimando vilarejos inteiros.

Os PDFs têm lutado para reagir, se não em confrontos diretos, então com uma violência frequentemente anônima e brutal de justiceiros que cada vez mais coloca civis contra civis e corre o risco de se espalhar para a resolução de disputas pessoais ou criminais.

Esta anarquia pode muito bem se intensificar, mas provavelmente não durará. Durante os próximos nove meses até a chegada da monção de 2022 em maio próximo, Mianmar quase certamente começará a mudar decisivamente ao longo de uma de duas amplas trajetórias.

Poderíamos ver os militares, ou Tatmadaw, trazer seus verdadeiros pontos fortes – coesão, disciplina, recursos e capacidade de violência desenfreada – ao reafirmar o controle de seu recém-assumido “governo zelador” sobre o centro de Myanmar.

Reimposto inevitavelmente a diferentes velocidades em diferentes regiões, o governo militar continuaria a ser amplamente odiado e ocasionalmente sujeito a desafios violentos.

Com o passar do tempo, no entanto, ele forneceria a base para a estabilidade e um gradual renascimento econômico apoiado pela Rússia, China e outros estados asiáticos. Com base nisso, a Tatmadaw implementaria uma reconfiguração planejada do sistema eleitoral garantindo resultados de acordo com sua visão de democracia firmemente controlada, ou “disciplina florescente”.

A trajetória alternativa envolveria uma descida para a guerra civil na qual a oposição fragmentada atual à ditadura militar no coração da etnia Bamar do condado atingisse um nível de organização, liderança e planejamento estratégico necessário para sustentar a resistência e explorar as próprias vulnerabilidades dos Tatmadaw, mantendo a simpatia ativa das principais minorias étnicas.

Não há inevitabilidade sobre nenhum dos dois cursos: o futuro de Mianmar permanece agarrado. Mas ambas as trajetórias dependerão de uma interação de fatores, a maioria já discernível – o que o ex-secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, chamou de “incógnitas conhecidas”.

Haverá também, sem dúvida, algumas “incógnitas desconhecidas” – eventos e personalidades ainda não vistas.

As Forças de Defesa do Povo

O “desconhecido conhecido” mais marcante gira sobre os PDFs. Os primeiros grupos mal organizados começaram a surgir no início de abril, principalmente nos sertões da região noroeste de Sagaing e do estado ocidental de Chin, onde no dia 4 de abril a Força de Defesa da Chinlândia (CDF) anunciou sua formação.

No final de abril e início de maio houve uma dramática proliferação de grupos de capacidades variadas, de tal forma que em meados de julho cerca de 125 grupos separados, tanto em áreas urbanas quanto em regiões rurais, haviam declarado sua oposição ao Conselho de Administração do Estado militar.

Alguns – mas não todos – também declararam sua lealdade à administração-sombra da oposição do Governo de Unidade Nacional (NUG), criado em meados de abril.

No nível de base, o impacto dos PDFs tem sido palpável, embora pouco decisivo. E nas últimas semanas foi atenuado pelo impacto tanto da pandemia Covid-19 quanto das chuvas das monções. Mas a atividade persiste e novas coalizões de combate têm sido anunciadas à medida que grupos têm procurado reunir seus recursos.

Com base em células clandestinas, os PDFs urbanos têm se concentrado quase que inteiramente em duas táticas primárias: bombardeios usando principalmente dispositivos explosivos improvisados ainda rudimentares (IEDs) e assassinatos direcionados. Seus alvos têm sido esmagadoramente “brandos”: escritórios locais e outras instalações governamentais, bem como administradores civis, supostos informantes militares e membros da procuradoria política do Tatmadaw, o Partido União Solidariedade e Desenvolvimento (USDP).

No interior rural, os PDFs se desenvolveram mais abertamente como bandas embrionárias e ainda mal armadas de insurgentes. Além de atingir muitos dos mesmos conjuntos de alvos macios vistos nas cidades, eles também tentaram repetidamente repelir as incursões de Tatmadaw em aldeias com emboscadas de voluntários locais usando espingardas de caça e minas terrestres improvisadas, muitas vezes alegando infligir baixas significativas aos militares.

As operações de base rural têm sido notavelmente mais eficazes em regiões de minorias étnicas onde PDFs recém-formados têm sido capazes de operar ou estabelecer relações com grupos pré-existentes de insurgentes étnicos, tais como o Exército de Independência Kachin (KIA), o Exército de Libertação Nacional Karen (KNLA), o Exército Karenni (KA) e outros.

A cooperação no campo de batalha que se traduz em acesso em PDF às armas modernas surgiu dramaticamente no início de junho no estado de Kayah na fronteira oriental de Mianmar, bem como em partes do sul do estado de Kachin e na região Sagaing adjacente, onde os PDFs têm lutado ao lado das unidades da KIA. No estado de Chin, o pequeno Exército Nacional de Chin (CNA) abriu instalações de treinamento para membros do PDF.

Até que ponto os exércitos étnicos estarão dispostos a fornecer PDFs com armas modernas e em que quantidades, no entanto, permanece uma questão-chave. A apreensão pelo Tatmadaw, no final de junho, de uma grande remessa de armas pequenas e lança-granadas fabricadas pela KIA, com destino à região de Mandalay, sugeriu que pelo menos um oleoduto está aberto para negócios.

Mas com os mercados de armas na Tailândia e no Camboja em grande parte secos, as compras de fontes étnicas simpáticas precisariam ser complementadas de forma crucial pela captura de cada comandante de guerrilha mais próximo – o inimigo.

Outro “desconhecido conhecido” crítico centra-se no NUG

opositor. Desde seu estabelecimento em 16 de abril numa plataforma de democracia federal, o histórico do NUG tem sido misto.

Com uma liderança composta por parlamentares Bamar de maioria étnica do governo da Liga Nacional para a Democracia (NLD) expulsa e personalidades de comunidades minoritárias, o governo-sombra ganhou algum reconhecimento como uma alternativa possível a um regime Tatmadaw que luta com um déficit de legitimidade política.

Ele também conseguiu se apresentar como um ponto de contato para governos ocidentais que não estão dispostos a endossar a tomada do poder pelos militares, mesmo que nas circunstâncias atuais eles não estejam dispostos a estender o reconhecimento diplomático formal a um órgão cujos líderes estão geograficamente dispersos e que não controla nenhum território.

Menos claro é se uma administração sombra com uma presença incerta no terreno pode se afirmar como um órgão central de planejamento e um potencial comandante para um caleidoscópio de PDFs locais que, sem coordenação e estratégia, correm o risco de ser esmagados de forma fragmentada.

Dominado por uma geração mais antiga de políticos trabalhando à sombra da líder detida da NLD Aung San Suu Kyi, o NUG ainda não apresentou nenhuma figura de liderança dinâmica, e muito menos carismática, capaz de inspirar um movimento de resistência movido pela juventude.

Até o momento, o NUG ainda não conseguiu impor o respeito dos poderosos grupos étnicos combatentes, dos quais continua a depender em grande parte para santuário, treinamento e bases de operações.

Poder de fogo de Tatmadaw

Os militares e sua visão para o futuro são, em sua maioria,

“conhecidos”. Mas por todas as suas forças óbvias, o Tatmadaw é um gigante espalhado e muitas vezes desorientado, com vulnerabilidades que a crise atual destacou.

Apesar das estimativas otimistas na mídia sobre um exército permanente de 350.000 homens, a força de combate efetiva do Tatmadaw é sem dúvida muito menor.

Cálculos feitos por analistas ocidentais com base na extensão das deficiências de recrutamento e da falta crônica de pessoal nas Divisões de Infantaria Ligeira (LIDs) comandadas centralmente e nos Comandos de Operações Militares (MOCs) baseados regionalmente sugerem que é improvável que os batalhões de infantaria de linha sejam em número superior a 120.000 soldados.

Nos últimos anos, os LIDs em particular têm sido sobrecarregados por constantes destacamentos e muitas vezes com altas baixas nas fronteiras étnicas dos estados de Kachin, Rakhine, Karen e Shan.

Hoje em dia, uma área de operações muito extensa imposta pelo golpe agravou um problema perene. No espaço de algumas semanas, o exército foi forçado a dispersar a mão-de-obra em apoio à polícia a nível municipal em grande parte do centro de Myanmar, além dos contínuos deveres de combate e guarnição em estados étnicos propensos à insurgência.

Um segundo desafio tem sido a pressão para desenvolver inteligência operacional sobre uma ameaça que há apenas algumas semanas não existia, mesmo que elementos PDF vissem agressivamente os “olhos e ouvidos” dos militares – funcionários da administração civil e suspeitos de informar as forças de segurança.

Em terceiro lugar, o exército não tem nenhuma capacidade aérea (paraquedistas) ou de assalto aéreo (helicópteros) que valha o nome e apenas recursos limitados de transporte aéreo estratégico, todos fundamentais para uma rápida mobilidade em

uma campanha de contrainsurgência. Basicamente, suas operações dependem de linhas vulneráveis de comunicação e reabastecimento terrestre e fluvial.

A escala dos dois primeiros desafios se refletiu na luta do Tatmadaw para levantar e armar novas milícias. Desde maio, o principal impulso tem se centrado na chamada Pyu Saw Htee, uma força à paisana encarregada tanto de tarefas de segurança local, como buscas de veículos, quanto de vigilância disfarçada e identificação de operativos PDF.

Batizado em homenagem a um príncipe guerreiro da história birmanesa, o Pyu Saw Htee compreende unidades de 50 a 100 homens baseados em centros de township e é retirado de um grupo de veteranos e membros da família de Tatmadaw, juntamente com os leais do USDP e membros do movimento MaBaTha budista-nacionalista de linha dura. As melhores estimativas sugerem uma força ainda em expansão de pelo menos 10.000 e talvez até mesmo 15.000 homens vagamente supervisionados pelo Tatmadaw.

Previsivelmente, a proliferação de unidades Pyu Saw Htee para combater a atividade PDF levou a um aumento acentuado das mortes direcionadas de seus membros e suas famílias por elementos PDF. Milicianos retaliaram com assassinatos de membros da NLD e suspeitos de PDF.

Resistência de construção

Neste cenário caótico, a construção de uma capacidade de resistência sustentada destinada a explorar as fraquezas do Tatmadaw enfrenta tanto os NUG quanto os PDFs com uma gama assustadora de desafios. Resta saber se eles são insuperáveis, como sugeriram vários analistas que falaram com o Asia Times.

Não menos importante é a necessidade de desenvolver uma estratégia para um conflito de guerrilha prolongado visando inicialmente a sobrevivência durante o próximo ano, negando ao Tatmadaw a consolidação de seu golpe e corroendo o moral de

seu pessoal em nível de campo.

A resistência prolongada ao golpe e suas inevitáveis repercussões transfronteiriças também afetariam o ambiente internacional. Um objetivo-chave seria minar os cálculos dos principais vizinhos – Tailândia, Índia e China – baseados hoje na suposição de que, como no passado, o Tatmadaw logo esmagará a dissidência popular e prevalecerá.

A resistência sustentada também proporcionaria às democracias solidárias uma justificativa mais sólida para o reconhecimento diplomático e, concebivelmente, uma ajuda financeira ou mesmo material.

Implícita em qualquer estratégia de luta prolongada, porém, está a necessidade de resistir ao fascínio suicida da “guerra de guerrilha urbana”. Recentemente, rumores persistentes sugerem que as próximas semanas podem trazer uma onda coordenada dos chamados ataques do “Dia D” por PDFs em todo o país, presumivelmente organizados pelo NUG e seu ministério da defesa e quase certamente centrados em áreas urbanas.

Se houver alguma verdade nos rumores, o “Dia D” pode rapidamente ser manchete, mas provavelmente custará muitas vidas, perderá o apoio popular e acabará de uma só maneira. Como os movimentos revolucionários do século 20 na China, Vietnã, Argélia e outros teatros todos descobriram, mesmo as forças guerrilheiras que gozam de amplo apoio popular não têm nenhuma perspectiva de sobrevivência em áreas urbanas bem arruinadas que não podem esperar capturar.

A derrota americana e sul-vietnamita da ofensiva comunista Tet de janeiro de 1968 oferece talvez a ilustração mais sangrenta desta verdade. A revolta Tet nas cidades do Vietnã do Sul foi um jogo politicamente dramático, mas extremamente caro, do qual o Vietcong nunca se recuperou totalmente como uma força militar.

Tão relevante para Mianmar hoje é a eliminação sistemática

pelas forças de segurança indianas dos rebeldes caxemires genuinamente populares que entre 1990 e 1991 tentaram se basear na capital do estado de Srinagar.

Movendo-se de distrito em distrito, uma campanha liderada pelo exército os arrancou com uma mistura de informantes coagidos e pagos, buscas de casa em casa e um poder de fogo esmagador quando os rebeldes encurralados escolheram ficar de pé e lutar.

Se aventuras urbanas quixotescas puderem ser evitadas, o retorno nos próximos meses de uma companhia significativa de vários milhares de combatentes de campos de treinamento em zonas de fronteira controladas por minorias étnicas poderia servir para reforçar os PDFs no interior com uma injeção de capacidades crucialmente necessária.

Além do treinamento básico em armas, muitos jovens retornados trarão consigo uma gama de habilidades técnico-militares, tais como experiência em demolição e sabotagem, comunicações e inteligência. Alguns oferecerão potencial de liderança e alguns, o ingrediente vital do carisma pessoal.

Além do treinamento, porém, pelo menos quatro outros elementos seriam críticos para qualquer campanha de resistência viável no interior rural do centro de Mianmar. O primeiro é a coordenação eficaz entre as frentes emergentes, algo que, na forma embrionária, parece ter se unido nas últimas semanas.

O segundo exige um incessante assédio e interdição de linhas de comunicação rodoviárias, ferroviárias e fluviais visando ao longo do tempo estabelecer áreas "no-go" dominadas pelos insurgentes, onde as forças de Tatmadaw podem penetrar apenas em força e a custo. E a terceira exige uma apreciação de que a prioridade tática principal em cada engajamento deve ser a apreensão de munições do inimigo.

Finalmente, o sucesso da resistência no interior dependerá criticamente do avanço das relações com os principais grupos

étnicos armados que fornecem áreas de retaguarda para o santuário, treinamento e ajuda logística sem os quais a insurgência no centro de Mianmar lutaria para sobreviver.

Essas relações precisarão ser construídas com base em uma nova humildade por parte das forças de oposição de Bamar e do NUG, pois os exércitos étnicos de Mianmar agora têm escolhas reais. Uma seria apoiar a resistência com o objetivo de usar os rebeldes Bamar para amarrar e sangrar os Tatmadaw; ou, de forma mais ambiciosa, quebrar finalmente o estrangulamento dos militares ao poder político nacional.

Eles também têm um rumo alternativo: assegurar suas próprias regiões por trás de novos cessar-fogos e promessas de autonomia que o Tatmadaw certamente oferecerá ao se voltar para estratégias de dividir e governar aperfeiçoadas ao longo de décadas. Pela primeira vez desde a independência de Mianmar em 1948, o equilíbrio do poder nacional parece estar agora em grande parte nas mãos de suas minorias étnicas há muito despossuídas.